

Primeirear o anúncio da esperança no mundo atual

Primerear El anuncio de la esperanza en el mundo de hoy

Taking the first step the announcement of hope in today's world

37

André Luiz Bordignon-Meira¹

Resumo

O artigo se insere no contexto do Jubileu da Esperança, propondo a contribuição ampla da teologia “em saída”. O objetivo do artigo é destacar a comunidade como missionária da esperança, e a necessidade de primeirear e sair em direção ao mundo. Tomar a iniciativa missionária será se envolver, acompanhar, frutificar e celebrar cada gesto concreto de esperança no mundo atual. Essa atitude provoca a Igreja a repensar a sua atuação missionária e pastoral como anunciadora e construtora de pontes de esperança. A proposta possibilita caminhos “em saída” o seu modo de proceder, de encontrar os caídos nas periferias reais e existenciais (Bíblia, Lc 10, 25-36). Considera-se necessário para a Igreja “em saída” o seu campo de missão no mundo, com todos os que sofrem a falta das obras de misericórdia para sobreviver. É preciso sair da pastoral de conservação para a pastoral missionária, possibilitando a lógica da alegria e da esperança no mundo.

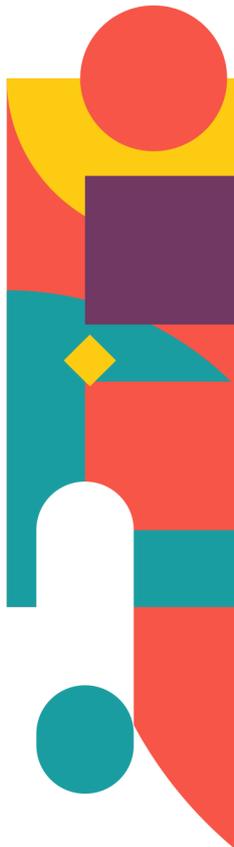
Palavras-chave: esperança; missão; primeirear.

Resumen

El artículo se sitúa con ocasión del Jubileo de la Esperanza, proponiendo el amplio aporte de la teología “en salida”. El objetivo del artículo es destacar a la comunidad como misionera de la esperanza y la necesidad de primerear y salir al mundo. Tomar la iniciativa misionera significará involucrarse, acompañar, fructificar y festejar cada gesto concreto de esperanza en el mundo actual. Esta actitud provoca la Iglesia a repensar su papel misionero y pastoral como anunciadora y constructora de puentes de esperanza. La propuesta posibilita caminos “en salida” en su modo de proceder, de encontrar a los caídos en las periferias reales y existenciales (Bíblia, Lc 10, 25-36). Se considera necesario a la Iglesia “en salida” el su campo de misión en el mundo, con todos aquellos que sufren la falta de obras de misericordia para poder sobrevivir. Es necesario pasar de la pastoral de conservación a la misionera, habilitando la lógica de la alegría y de la esperanza en el mundo.

Palabras-claves: esperanza; misión; primerear.

¹ Doutorado em Teologia pela PUC-Rio. Membro do Grupo de Pesquisa “Ecologia Integral e arquitetura do cuidado ecumênico” (CNPq). Presbítero missionário na Arquidiocese de Porto Velho, RO. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2660-252X> Email: luzbordignon@gmail.com



Abstract

The article is set in the context of the Jubilee of Hope, proposing the contribution of “goes forth” theology. The the article is to highlight the community as a missionary of hope, and the need to take the first step and go out into the world. Taking the first step missionary being involved and supportive, bearing fruit and rejoicing of the each concrete gesture of hope in today’s world. This attitude prompts the Church to rethink its missionary and pastoral as a herald and builder of bridges of hope. The proposal enables “goes forth” paths in its way of proceeding, of encountering those who have fallen on the real and existential peripheries (Bible, Lk 10, 25-36). It is considered necessary for the Church to “goes forth” and to have its mission field in the world, with all those who suffer from the lack of works of mercy in order to survive. It is necessary to move from the pastoral conservation’s to the pastoral missionary, making possible the logic of joy and hope in the world.

Keywords: hope; mission; to take the first step.

1. Introdução

A reflexão sobre primeirear propõe o anúncio alegre da esperança, inserido no desafiante contexto da atual sociedade. Esse neologismo verbal trazido por Papa Francisco (2013) está na Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG) nº 24, significando tomar a iniciativa missionária. Em sua proposta da Igreja “em saída” e do jubileu da esperança, o Papa Francisco (2024), em sua bula Spes non confundit (SNC), recomenda impulsionar e fazer com que todos nós compreendamos a nossa missão no mundo. A construção de um mundo novo se faz com as atitudes de olhar, escutar, construir pontes e curar os feridos pelo caminho. E esse caminho está no cotidiano das pessoas, fazendo-nos avançar em direção aos vulneráveis dos sistemas políticos, econômicos, sociais e religiosos. Com isso, a reflexão propõe o paradigma de primeirear a missão alegre do Evangelho com todas as pessoas necessitadas das obras de misericórdia.

Faz-se necessário compreender os dramas das periferias reais e existenciais presentes na nossa sociedade. Envolvem processos construídos e realizados com as nossas comunidades, iluminando uma pastoral decididamente missionária, em que a preocupação não seja a obsessão de procedimentos ou burocracias, mas sim, a aplicação do cuidado samaritano nos feridos e a garantia da dignidade humana. Dessa maneira, colaborar nos processos da missão é se colocar “em saída” com esperança, como o Papa Francisco nos testemunhou e convidou. Na caminhada, possibilitar, à Igreja, encontrar-se com todos, sem exceção. Todos os feridos perante os sinais dos tempos. Caminhar juntos, à luz do Evangelho, do Espírito e da comunidade, deve ser o futuro credível da Igreja, pronta para anunciar e testemunhar a esperança.

2. Primeirizar a alegria e a esperança do Evangelho

O anúncio da alegria do Evangelho no mundo é o escopo para a Igreja renovar-se. É na missionariedade que se ecoa a vitalidade e a transformação eclesial. As primeiras palavras utilizadas pelo Papa Francisco (2013), na sua exortação *Evangelii Gaudium* (EG), é justamente o motor para se manter viva a esperança no mundo atual, a alegria do Evangelho (EG 1). Esse é o requisito para levar esperança ao mundo caracterizado pelas suas mudanças rápidas, ou seja, a alegria perene fundada nas páginas do Evangelho (Francisco, 2019). Os sinais dos tempos apontam para pessoas prisioneiras do cansaço, na tibieza, na tristeza, nas feridas reais/existenciais e no pecado social. À luz da constatação da humanidade ferida com guerras armadas e financeiras, somos impelidos a buscar missionariamente caminhos de esperança. Faz-se necessário ter coragem para mudar e construir uma nova etapa de evangelização, obedecendo o mandato missionário de Jesus (Bíblia, Mt 28, 19-20). É o Ressuscitado a enviar os seus para testemunhar em todos os tempos e lugares. Prosseguimos com nossos desafios, em “saída” missionária, discernindo qual é o melhor caminho (EG 20). As comunidades cômicas de sua missionariedade devem sair da própria comodidade, para esperar nas periferias reais e existenciais.

Essa coragem e ousadia é a alegria da comunidade missionária, edificando em suas bases o protagonismo com a força do Espírito Santo (Francisco, 2023). Este conduzirá a comunidade à esperança, pois a fará testemunhar a potencialidade da Palavra e do Pão celebrado. A comunidade na sua base só cresce ao permitir que a Palavra de Deus com o Espírito a surpreenda, fazendo-a sair para missão sem previsões rígidas e obcecadas de proselitismo, aberta ao que não se prevê. A parábola da semente lançada que cresce por si mesma, enquanto o agricultor dorme (Bíblia, Mc 4,26-29), propõe pensar a comunidade propensa à liberdade incontrolável do anúncio do Evangelho, superando previsões e quebrando os próprios esquemas. A Igreja “em saída” propõe uma teologia com os pés calçados nas suas comunidades de base, pois necessita da vida comunitária, a intimidade com a Palavra do Mestre e vivenciar a realidade concreta das pessoas. Peregrinar a esperança é anunciar em todos os lugares, por entre pessoas e ocasiões, deixando de lado medos e repugnâncias. Significa ser fiel ao estilo de vida do Mestre (EG 23), para a inclusão de todos. E aqui se faz claro compreender que “A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeirizam’, que se envolvem, acompanham, frutificam e festejam” (EG 24).

O neologismo primeirizar do Papa Francisco coloca a Igreja como missionária, ou seja, convida-nos a tomar a iniciativa (EG 24). A expressão do seu vocábulo portenho refere-se a como antecipar uma jogada desportiva, utilizada para o sentido de provocar a Igreja a se desinstalar dos métodos de marketing da fé ou de movimentos fechados em si, os quais se unem a práticas reacionárias e devocionistas que pouco acolhem e dão esperança para quem sofre. Por isso, é preciso ousar e tomar a iniciativa de ser e levar esperança, concretizando comunitariamente essa boa notícia. “A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor” (EG 24). Por isso, “peregrinemos” e “missionemos” sem medo, indo ao encontro, procurando os afastados, chegando às encruzilhadas e incluindo os descartados. O princípio teológico está em compreender que somos lavadores de pés, pois o Senhor tomou essa iniciativa e nos deixou esse paradigma (Bíblia, Jo 13,17). À luz desse exemplo, podemos desenvolver teologicamente e pastoralmente o processo de primeirizar esperança.

Faz-se necessário aprender a nos envolver, colocando-nos de joelhos diante das pessoas desprovidas de misericórdia física e espiritual. Ousemos essa prática eclesial que pede compreender o movimento da kenosis. O movimento kenótico nos possibilita o seguimento e discipulado do Lavador de pés, acompanhando a humanidade nos processos de esperar. Com obras e gestos kenóticos ensinados pelo Cristo é possível, para a comunidade, realizar a sua “kenosis eclesial” (Balthasar, 1993, p. 20). O lava-pés só é compreensível e realizável, quando a dimensão de se esvaziar de si mesmo se faz serviço e missão. A kenosis divina permite encurtar a distância entre Deus e a humanidade. Por isso, pensar a “kenosis eclesial” da comunidade missionária permite encurtar a distância da Igreja com o mundo. O Senhor se fez o primeiro missionário e peregrino da esperança, quando se encarnou e permitiu a humanidade ter esperança de salvação. É como relata o texto de Filipenses 2, 6-8:

Sendo Ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a Si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz (Bíblia, Fl 2, 6-8).

O assumir desse caráter kenótico pelo Cristo ilumina os caminhos dos discípulos missionários no itinerário jubilar, esperando a credibilidade para um mundo novo. O gesto do lava-pés foi o mandato kenótico do Senhor para os seus discípulos, ensinando-os que o seu novo mandamento sempre os fará se abaixar diante dos feridos e machucados. Esse movimento cria esperança e nos faz participar da transformação do mundo a partir de baixo, significando que é, da base humana, que se constrói os passos da missão. Aprendemos a nos envolver com a humilhação das pessoas e suas dores, pois “com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG 24). A concretude da esperança irradia a característica da “kenosis eclesial”, quando faz a comunidade missionária exalar o cheiro contraído das ovelhas (EG 24). O testemunho acontece com o odor das ovelhas conjugado com a boa notícia proclamada. E assim, a comunidade acompanha a desilusão e as misérias da vida das pessoas, conhecendo as causas, desafios e obstáculos que tiram a esperança de vida plena (Bíblia, Jo 10,10). Essa missão de primeirar a alegre esperança do Evangelho acontece em meio aos processos, mesmo que sejam duros e demorados. A peregrinação missionária cultiva-se com as esperas e a suportação apostólica, para frutificar concretamente.

O imediatismo traz reações alarmistas ou de lástimas, impedindo celebrar os pequenos passos frente à construção contínua de novos tempos. A esperança conjugada com a missionariedade traz os fundamentos sólidos para se avançar em quaisquer épocas, renovando-se, como dispõe o Documento de Aparecida (DAp 201), o estado permanente de missão. Essa é motivação em todas as regiões da terra para os peregrinos da esperança e, ao mesmo tempo, para renovar a Igreja em si mesma. Outra proposta fecunda para a Igreja está no caminho provocado pelo Papa Francisco (2013):

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que a autopreservação (...) fazer com que todas elas se

tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude de constante “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG 27).

Primeirizar a alegria da esperança é a constante procura de fazer as nossas estruturas creíveis e acessíveis a todas as pessoas desesperançadas nas suas realidades humanas. É na vida ordinária, contudo, marcada com criatividade e docilidade, que se faz a missão, tornando-se próximo da vida das pessoas. Outra iniciativa está em dialogar com as questões reais para indicar a estrada e sustento da esperança para o povo (EG 31). Encontrar novas estradas para romper o cômodo critério causador da desesperança: “sempre foi assim” (EG 33). Ousar e ser criativo permite fazer um caminho sábio, fecundo e realista. E as pequenas comunidades de base são propensas a primeirizar a articulação missionária, gerando esperança com a capacidade do diálogo. Elas são os sujeitos primeirizadores de esperança, realizando o seu itinerário em constante saída às periferias. O processo exige discernimento contínuo e participativo, convidando a todos, sem exceções e nem exclusões. Criar as oportunidades de contato humano faz a missão encarnada, mesmo nas limitações humanas. As modificações culturais em uma época de mudanças é essa oportunidade de encorajar a esperança para novas realidades baseadas em valores evangélicos. É necessário despertar a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho (EG 42), pois o compromisso exige esse caminho superador das limitações humanas. A misericórdia aplicada pacientemente permite todos crerem na esperança, que estimula e leva a ação transformadora das realidades feridas, machucadas e desesperançadas pela ganância destruidora das guerras e da violência do poder. E como propõe a bússola da Igreja “em saída”, o seu Norte sempre será o “risco de sujar-se com a lama da estrada” (EG 45).

A Igreja “em saída” possui a proposta ímpar de animar e esperar a todos que encontrar no meio das estradas enlameadas. Ela sai em direção objetiva às periferias humanas (EG 46), pois é lá que a miséria deixa as pessoas desesperançadas. Significa sair com direção e sentido, com o “coração missionário consciente das limitações” (EG 46). A metodologia é diminuir o ritmo ansioso para olhar nos olhos das pessoas e escutá-las, ajudá-las a abrir portas e fazê-las passar com esperança perante as próprias opções rígidas e desconfiguradas de humanidade. A proposta dessa missão está em levar a esperança de modo alegre, a deixar, ao mesmo tempo, as portas escancaradas a todos. Todos que procuram a Deus ou tendem à vivência plena da sua humanidade. Essa convicção é diferente de chamar as pessoas a uma alfândega, e sim, acolhê-las com a ternura materna. Os missionários ficam sadios e prontos para fazer esse gesto, geradores e indutores de esperança.

3. Missionar um caminho de esperança

Missionar a esperança não nos desilude, pois essa nasce do amor da graça de Deus e é animada pela força do Espírito Santo. E assim, ilumina a nossa caminhada. Por isso, as angústias, a perseguição, a fome, a nudez, a sede, a falta de conhecimento e o luto tiram a esperança de muitas pessoas, contudo, a prática misericordiosa da comunidade missionária traz novamente a esperança àqueles que a perderam. O sofrimento ameaça desmoronar

quaisquer pavios de esperança e faz aumentar as dificuldades do caminho a ser percorrido. Nessas situações de escuridão, somos chamados a levar a esperança, a iluminar os caminhos a serem feitos. Outro obstáculo do nosso tempo é o perigo de se habituar a impaciência, o imediatismo, a intolerância, o nervosismo, a violência gratuita, a insatisfação e o isolamento. A era tecnocrática com o campo da internet e das fakenews potencializa os obstáculos da nossa missão de peregrinos da esperança. Assim, é necessário redescobrir a paciência como vacina do Espírito Santo, para mantermos o processo missionário claro e lúcido. Proporcionar um caminho seguro significa entrelaçar a esperança e a paciência, nutrindo e robustecendo a força missionária.

O povo santo e fiel de Deus tem a sua vocação como povo eleito e livre, a luz pascal do livro do Êxodo. Esse povo caminhou e peregrinou em direção a sua terra prometida, prefigurando para nós, povo reunido no seu Filho, com a necessidade de peregrinar. A peregrinação faz colocar-se a caminho, em busca do sentido da vida, a percorrer caminhos antigos para alcançar novos. Colocar-se nesse caminho significa missionar com a Pessoa de Jesus Cristo. Somente Ele nos garante a esperança do amor, faz-nos experimentar a sua misericórdia. E as características desse percurso são a fé, a caridade e a perseverança na esperança. Os sinais dessa missão de esperança são descobertos nos sinais dos tempos. O Concílio Vaticano II (2007) afirma:

É o dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas (GS 4).

A Igreja, atenta a identificar os sinais dos tempos provindos do coração humano, poderá missionar os sinais de esperança para toda a humanidade. O Papa Francisco expressou alguns sinais de esperança à humanidade, a exemplo de sua presença reconfortante e consoladora junto aos migrantes de Lampedusa. Expressa a necessidade de a Igreja ir ao encontro, estar com as dores humanas desencadeadas pela miséria real dos pobres, propondo uma nova ordem econômica que não mata e não descarta (EG 53-59). A misericórdia aplica a ternura nas pessoas tratadas com indiferença e descartadas, nas consequências de suas periferias existenciais. A nova visão de mundo embasa a fraternidade universal e a amizade social, convoca sair do extremismo político para a práxis da geopolítica humanizada. O cuidado é necessário e urgente com os danos causados na Casa Comum, para dispor um grande sinal de esperança para a humanidade. Esse sinal abre caminhos a vários diálogos entre pessoas de boa vontade, instituições e organizações. Faz nascer passos concretos de atuação para cuidados pessoais, comunitários, econômicos e políticos. E o passo mais expressivo é a proposta da economia de Francisco e Clara, com atuações e cronogramas práticos. O sinal maior da esperança se faz passo a passo, diálogo a diálogo e de oração em oração para a esperança se traduzir em paz ao mundo. E esse é um dos maiores apelos missionários hodiernos em várias escalas, até a da guerra:

Esquecida dos dramas do passado, a humanidade encontra-se de novo submetida a uma difícil prova que vê muitas populações



oprimidas pela brutalidade da violência. Faltará ainda a esses povos algo que não tenham já sofrido? Como é possível que o seu desesperado grito de ajuda não impulse os responsáveis das Nações a querer pôr fim aos demasiados conflitos regionais, cientes das consequências que daí podem derivar a nível mundial? Será excessivo sonhar que as armas se calem e deixem de difundir destruição e morte? O Jubileu recorde que serão “chamados filhos de Deus” todos aqueles que se fazem “obreiros de paz” (Mt 5,9). A necessidade da paz interpela a todos e impõe a prossecução de projetos concretos. Que não falte o empenho da diplomacia para se construírem, de forma corajosa e criativa, espaços de negociação em vista duma paz duradoura (SNC 8).

Por vezes, a perda do desejo pela vida faz com que nos empenhemos significativamente em buscar relações humanas, políticas e económicas visando um futuro melhor. Construir no presente bases para um futuro melhor é a questão alimentada pela esperança. O envolvimento de cada pessoa nas relações humanas, nos projetos políticos e sociais é um compromisso concreto de esperança, correspondente a recuperar a confiança por uma nova sociedade humanizada. O texto bíblico de Isaías 61, 1-2: “O Senhor [...] enviou-me para levar a boa-nova aos que sofrem, para curar os desesperados, para anunciar a libertação aos exilados e a liberdade aos prisioneiros, para proclamar o ano da graça do Senhor”, aponta a esperança presente na lei mosaica para se peregrinar com esperança, pois “Santificareis o quinquagésimo ano, proclamando na vossa terra a libertação de todos os que a habitam” (Bíblia, Lv 25,10). E Jesus o missionário do Pai faz ecoar corajosamente o cumprimento da esperança a ser concretizado pelo seu discipulado missionário (Bíblia, Lc 4,14-30). Os discípulos missionários reunidos nas comunidades, ao se alimentarem da Palavra e da Eucaristia, são impelidos a dirigir-se para onde há pessoas sem vida digna, com os direitos e deveres humanos lesados e, sobretudo, para garantir o compromisso de futuro com a vida plena. Muitos são os sinais de esperança que as comunidades nas bases podem se envolver, acompanhar, frutificar e celebrar com os doentes físicos e existenciais, os quais carecem de proximidade para encontrarem alívio no seu sofrimento.

Trata-se de se pôr “em saída” para a missão com os mais frágeis, lutando pelos seus atendimentos, tratamentos e visitas dignas. As obras de misericórdia são gestos concretos do missionar de esperança, pois trazem conforto e proximidade aos mais frágeis. Essas ações visam ir ao encontro das necessidades humanas, que carecem de sinais de esperança. Os missionários da esperança são sinais concretos na vida de quem sofre, no corpo e no espírito, ao oferecerem uma prática compassiva da fé. A missão cria esperança às pessoas presentes nas periferias reais, quando há partilha, luta por políticas públicas e promoção da justiça social. São ações missionárias nos diversos âmbitos que afetam as dores materiais como a fome, a sede, a veste, a prisão, o enterro digno, casa e condições dignas de saúde. O envolver, acompanhar, frutificar e celebrar garantem processos da misericórdia encarnada a todos que sofrem a miséria e a pobreza humana. Assim é missionar a esperança principalmente entre os pobres, pois essas são as vítimas e não os culpados (SNC 15). A missão cria esperança às pessoas nas periferias existenciais, pois realiza o pacto pela educação, aconselha a promoção humana, corrige os atos desumanizadores, promove o perdão e a reconciliação fraterna entre os povos, consola os sofredores na alma, participa das dores



do outro e intercede pelos debilitados. Somos enviados a missionar a caridade e a solidariedade aos afastados dos cuidados humanizadores, independente de crenças ou extratos sociais, pois a missão é transformar as relações desumanizadoras em vida digna e humana.

A missão da esperança se faz ao começar a cuidar do futuro das crianças e jovens, na certeza por um futuro melhor. A semente lançada hoje, pelo missionário, é crer que a melancolia causada pelos tempos acelerados e impessoais dá lugar a uma geração que acredita na alegria, no comunitário e em um mundo melhor. Começar a trabalhar com afinco, comprometidos em lutar contra o mal-estar social significa sonhar, esperar e almejar jovens transformadores de um mundo desiludido e de riscos à humanidade atual. Os adultos de hoje são convocados a crer e participar desse caminho e trabalho. Atualmente, a migração é um dos sinais dos tempos que mais carecem de atenção e cuidado dos missionários da esperança. São famílias feridas pelo preconceito, frustrações e isolamentos. O ato de migrar já é uma ação de esperança, ao buscar por novos lugares e oportunidades. Garantir o direito de construir um futuro melhor é a principal responsabilidade da comunidade dos missionários da esperança, exigindo, conjuntamente a órgãos responsáveis, o fim internacional e local das guerras, violências e discriminação, como propõe a esperança lançada pelo Papa Francisco, neste jubileu da esperança:

Possa a comunidade cristã estar sempre pronta a defender os direitos dos mais débeis. Generosamente abra de par em par as portas do acolhimento, para que nunca falte a ninguém a esperança duma vida melhor. Ressoe nos corações a Palavra do Senhor que, na grande parábola do juízo final, disse: “Era estrangeiro e acolhestes-me”, porque “sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes (SNC 13).

Portanto, criar consciências saudáveis e de caráter integral significa ter a certeza de que a esperança não será em vão. Como propõe Papa Francisco (2015) na *Laudato Si* nº 51, é preciso pensar a dívida ecológica que temos com a nossa Casa Comum, envolvendo todos os seus habitantes. Os recursos explorados e as sociedades construídas historicamente trazem a herança com consequências, apontando os desequilíbrios humanos e ambientais. Assistimos o desprezo e ódio humano entre as pessoas e a destruição avassaladora dos recursos ecológicos, aumentando a população empobrecida. O horizonte é preparar, no mundo, condições de vivência justa, sem dívidas a serem pagas pelo sofrimento dos mais pobres. Para isso:

Precisamos transbordar de esperança (cf. Rm 15,13) para testemunhar de modo credível e atraente a fé e o amor que trazemos no coração; para que a fé seja jubilosa, a caridade entusiasta; para que cada um seja capaz de oferecer ao menos um sorriso, um gesto de amizade, um olhar fraterno, uma escuta sincera, um serviço gratuito, sabendo que, no Espírito de Jesus, isso pode tornar-se uma semente fecunda de esperança para quem o recebe (SNC 18).

A certeza de missionar a esperança está nos mártires como sementes de unidade, exprimindo o ecumenismo de sangue (SNC 20). O testemunho nos faz sair do efêmero para



as bases duradouras no amor. Por isso, a nossa experiência de testemunho é repleta de perdão, possibilitando abrir a mente e o coração. O perdão não muda o passado, contudo, poderá modificar o futuro e a forma de viver, significando ler o passado com mais serenidade, sem rancor, ódio e vingança (SNC 23). Missionar a esperança está em desempenhar uma missão importante, continuamente, reconciliando aqueles que o futuro foi tirado com o presente espeznhado. Ancoremos com a fé a nossa esperança em meio a tempestades, medo e pecado, dizendo com o salmista “Confia no Senhor! Sê forte e corajoso, e confia no Senhor” (Bíblia, Sl 27, 14).

4. Considerações

Este artigo propõe pensar a importância da pastoral missionária da Igreja “em saída”, para uma ação com todas as pessoas desesperançadas. Missionar a esperança leva à transformação eclesial e social a partir do contato com as dores humanas, em busca por um mundo melhor. Essa transformação se faz pelos vínculos comunitários, para uma Igreja e sociedade mais saudável. As implicações teológicas junto à Igreja como comunidade possibilitam criar a esperança com novos processos, capazes de provocar a ação humanitária revelada como ação missionária. As mazelas do mundo devem ser curadas com o processo da esperança concretizada, pois o contato misericordioso fomenta o caminhar pastoral e missionário. Trata-se da tarefa missionária misericordioso o Evangelho a todos, todos e todos pelo testemunho.

Cabe voltar a atenção para a visão teológica comprometida com as dores e angústia presentes na humanidade, assim como o Cristo encarnado nos propõe o rosto misericordioso do Pai, para a construção da humanidade sadia e plena (Bíblia, Jo 10,10). Essas iniciativas misericordiosas são capazes de, pela esperança, tornar o mundo mais inclusivo. O paradigma da pastoral missionária se constrói com a Igreja estar “em saída”, pronta para primeirar o Evangelho com a alegria da esperança.

5. Referências

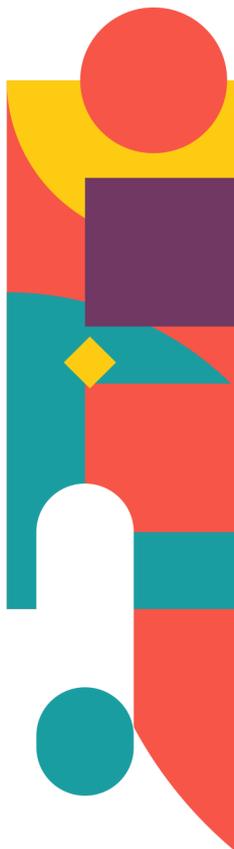
BALTHASAR, Hans Urs von. **My work: In retrospect**. São Francisco: Ignatius Press, 1993.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição revista e ampliada**. São Paulo: Paulus, 2003.

CELAM. **Documento de Aparecida (DAP)**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (CELAM). São Paulo: Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Gaudium et Spes***: Sobre a Igreja no mundo de hoje (GS). São Paulo: Paulinas, 2007, p. 539-661.

Francisco, Papa. Audiência Geral: Catequeses. A paixão pela evangelização [...]. Roma, 6 de dezembro de 2023. Disponível em: < <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/au->



dienes/2023/documents/20231206-udienza-generale.html>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: Sobre o cuidado com a Casa Comum (LS). São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: A alegria do Evangelho (EG). São Paulo: Paulus, 2013.

Francisco, Papa. Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto educativo. Roma, 12 de setembro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 3 de abril de 2025.

Francisco, Papa. *Spes non confundit*: Bula de proclamação do Jubileu Ordinário do ano 2025 (SNC). Roma, 9 de maio de 2024. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html >. Acesso em: 7 de abril de 2025.

Recebido em: 30/04/2025.

Aprovado em: 03/05/2025.

Editor responsável: Rafael Lopez Villasenor